

A IMPRENSA E O DISCURSO SOBRE O APARECIMENTO DA TELEVISÃO NO BRASIL

Silmara Cristina DELA-SILVA¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é realizar, de acordo com os princípios teóricos e metodológicos adotados pela escola francesa de Análise de Discurso, uma análise do discurso da imprensa brasileira sobre o aparecimento da televisão no Brasil. Com a análise, busca-se compreender como os jornais e revistas em circulação na época constituem sentidos para o início das transmissões televisivas, que têm como ponto de partida a inauguração da *TV Tupi* em São Paulo, em 18 de setembro de 1950. Integram o corpus de análise materiais que tratam da televisão no Brasil publicados em diversas seções das revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, e dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Correio Paulistano*, no período de 1945 a 1954. As primeiras análises centram-se nos enunciados definidores de televisão, presentes no corpus, e nas qualificações empregadas para a adjetivação ou a reescritura da mesma. A análise dessas questões tende a encaminhar novos percursos no corpus, com a realização de outros recortes necessários, de forma a compreender o processo discursivo que constitui sentidos para a televisão no Brasil, à época do início de suas transmissões no país.

ABSTRACT: This study has the purpose to analyze the discourse of the emerging of television in Brazil in its formulation by the written press of Brazil, based on theoretical and methodological presuppositions of the Discourse Analysis. Its aim to understand how the circulation of brazilian newspapers and magazines since the 1950s constitutes meanings for the beginning of teletransmissions, which were brought about by the opening of *TV Tupi* in São Paulo, in september of 1950, by means of published articles by the following newspapers and magazines: *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *O Cruzeiro* and *Manchete*.

1. INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreender como o aparecimento da televisão no Brasil, em 1950, constitui-se discursivamente, e enquanto tal é formulado e posto em circulação na/pela imprensa brasileira é o objetivo deste trabalho, que se insere entre as pesquisas realizadas com base nas teorias e nos métodos adotados pela escola francesa de Análise de Discurso no Brasil. Ao filiar-se a esta perspectiva teórica, este trabalho busca compreender o discurso jornalístico a partir de suas condições de produção, pensar as relações de sentido em que este dizer é produzido, a sua historicidade.

Para isso, serão analisadas reportagens sobre a televisão publicadas por impressos em circulação em todo o país, desde meados da década de 1940, quando a imprensa aborda a televisão recém-inaugurada em outros países, como nos Estados Unidos, até 1954, período em que a televisão, inaugurada no início da década na cidade de São Paulo, passa a contar com um lugar específico de dizer na imprensa, com a publicação de suplementos e colunas dedicados a sua programação.

O corpus, detalhado na próxima seção, é composto por materiais publicados pelos periódicos *Correio Paulistano* e *O Estado de São Paulo*, e pelas revistas *O Cruzeiro* e

¹ Doutoranda em Análise de Discurso do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, sob orientação da Profa. Dra. Mônica G. Zoppi-Fontana.

Manchete, entre os anos de 1945 e 1954. Estas publicações pertencem à chamada “imprensa de referência”, conforme especificado na segunda seção deste trabalho.

Como fundamentação para a pesquisa, são adotados os pressupostos teóricos da escola francesa de Análise de Discurso, iniciados por Pêcheux (1997, 1997a, 1990), na França, e desenvolvidos, entre outros, por Orlandi (2001, 2001a, 1998, 1996) no Brasil.

Nos discursos de forma geral e no discurso da imprensa em particular, os sentidos são constituídos na relação entre o intradiscurso e o interdiscurso, na relação entre a formulação do dizer e o já-dito. Interdiscurso e intradiscurso, conforme descritos por Courtine (1984), representam, respectivamente, os já-ditos que constituem a memória dos dizeres, e a formulação do discurso, a sua atualização. Para fazer sentido, é necessário que os discursos formulados no intradiscurso estejam inscritos em um interdiscurso, numa memória discursiva que reúne os dizeres, mesmo aqueles já esquecidos e que determinam os discursos.

A memória discursiva ou interdiscurso, conceito fundamental na análise de como a imprensa constitui sentidos para o discurso sobre o aparecimento e a consolidação da televisão no Brasil, é definida por Orlandi (2001: 31) como o “que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.

A consideração do discurso enquanto um acontecimento, que se dá no encontro de uma atualidade e uma memória, segundo a conceituação de Pêcheux (1990), requer a compreensão do sujeito enquanto forma-sujeito do discurso. O sujeito do discurso se constitui na conjunção entre língua, história e ideologia, sendo ambíguo por natureza. A ambigüidade do sujeito está em ser ao mesmo tempo livre e submisso, determinando o que diz e sendo determinado pela exterioridade.

Como afirma Orlandi (2001: 43), “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” e os sentidos se constituem de acordo com o contexto histórico e ideológico em que os enunciados são produzidos. É o conceito de formação discursiva que permite compreender o porquê de um mesmo enunciado significar de forma diversa em situações diferentes. Pêcheux (1997: 160) chama de formação discursiva o que, “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

As formações discursivas determinam ainda as formações imaginárias que, segundo Pêcheux (1997), permitem o funcionamento dos processos discursivos. As formações imaginárias resultam de processos discursivos anteriores e, como define Orlandi (2001: 40), “são projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso”.

Na base de funcionamento do discurso da imprensa encontram-se ainda os conceitos de paráfrase e polissemia, definidos por Orlandi (1998: 14) como “eixo que estrutura o funcionamento da linguagem” ao estabelecer a “relação entre o mesmo e o diferente, a produtividade e a criatividade na linguagem”. Apesar de em termos discursivos a paráfrase ser tomada como a reafirmação do mesmo e a polissemia, como a ruptura, Orlandi (1998) ressalta que a relação entre a paráfrase e a polissemia é contraditória “porque não há um sem o outro, isto é, essa é uma diferença necessária e constitutiva” (idem: 15). A relação entre paráfrase e polissemia é decidida pela memória e pelo interdiscurso, e não pelas condições de produção imediatas.

Este trabalho compreende que o discurso da imprensa sobre o aparecimento e a consolidação da televisão no Brasil produz sentidos para a televisão em um momento dado e participa da constituição da memória histórica da TV no país. A análise desse discurso jornalístico, com base nos princípios teóricos aqui apresentados, também permite compreender como se constitui o discurso televisivo no Brasil, a partir de um dizer sobre a TV.

2. CORPUS DISCURSIVO

Conforme mencionado na seção anterior, o corpus deste trabalho é composto por materiais publicados em diversos espaços dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Correio Paulistano*, e das revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, entre os anos de 1945 e 1954. As quatro publicações têm em comum a circulação em todo o país e a proposta de publicar notícias diversas, constituindo-se como impressos de interesse geral e não especializados em uma área do conhecimento.

Os jornais e as revistas que integram o corpus compõem a chamada imprensa de referência do país à época, conceito definido por Imbert (1992) e atribuído àquela que participa da formação da opinião pública, seja em âmbito nacional ou internacional.

No período em questão, décadas de 1940 e 1950, havia no país a circulação de diversas revistas especializadas na área de comunicação, que traziam, sobretudo, informações sobre/do rádio, mais popular meio de comunicação à época, e dos seus artistas. Estes impressos não integram o corpus deste trabalho, no entanto, por serem especializados, direcionados ao público interessado na área e não à população de forma geral.

Para compor o material de análise, foram priorizadas publicações de diferentes empresas de comunicação, de forma a não expressar apenas o dizer de um grupo sobre a televisão. Por este motivo, os periódicos de propriedade dos Diários Associados foram descartados, uma vez que a revista *O Cruzeiro* era a sua principal publicação à época e todo o material nela publicado chegava às páginas dos jornais impressos de propriedade do mesmo grupo.

A partir de uma análise prévia das publicações, procedeu-se a um novo recorte, com a seleção de material que tratasse do aparecimento e da consolidação da televisão no Brasil, tendo como base a noção de trajeto temático. Segundo Mالدیدier e Guilhaumou (1997: 165), trata-se da “distinção entre ‘o horizonte de expectativas’ – o conjunto de possibilidades atestadas em uma situação histórica dada – e o acontecimento discursivo que realiza uma dessas possibilidades”. Ao tratar da televisão e da sua inauguração em São Paulo, esta pesquisa não pressupõe a existência de um referencial fixo como objeto das matérias jornalísticas selecionadas, mas de um acontecimento discursivo produzido em um determinado momento histórico.

De acordo com Mالدیدier e Guilhaumou (1997), “o acontecimento discursivo não se confunde com o fato designado pelo poder, nem mesmo com o acontecimento construído pelo historiador. Ele é apresentado na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado”, na tematização. A partir dessa concepção, o trajeto temático do aparecimento e da consolidação da TV no Brasil foi identificado no material de análise, tendo em vista a sua formulação discursiva.

Para realizar este recorte no material de análise, com base no trajeto temático do aparecimento da televisão na imprensa, adotou-se como ponto de partida para observação do material o ano de 1950, ano de inauguração da televisão *Tupi* no Brasil. A partir da divulgação nos impressos deste acontecimento histórico do aparecimento da primeira emissora televisiva no país, foram observados os periódicos mencionados nos anos anteriores, em busca da primeira ocorrência da televisão como acontecimento jornalístico – o que resultou na pesquisa a partir do ano de 1945. Da mesma forma, foram pesquisados nos impressos publicações dos anos posteriores que tratassem da TV, de modo a identificar em que momento a televisão deixa de ser tratada como um acontecimento jornalístico esporádico e passa a ocupar um espaço fixo nos jornais e nas revistas em questão – o que acontece em 1954.

Desta forma, foram realizados recortes no corpus a partir da aparição da TV como objeto de publicações presentes na imprensa brasileira, entre meados das décadas de 1940 e 1950. Anteriormente a 1950, a televisão é objeto de publicações apenas na revista *O Cruzeiro*, pertencente ao grupo Diários Associados, de propriedade do jornalista Assis Chateaubriand, responsável por implantar a *Tupi* em São Paulo.

A partir de 1950, a televisão passa a ser objeto de matérias jornalísticas publicadas também no jornal *Correio Paulistano*, um órgão do Partido Republicano no Brasil, e ainda de publicidades presentes neste periódico e no jornal *O Estado de São Paulo*. Em 1952, a principal revista de interesse geral no Brasil, *O Cruzeiro*, ganha uma concorrente – a revista *Manchete* – que também passa a mencionar a televisão em suas páginas e, posteriormente, começa a trazer matérias jornalísticas e publicidades que tratam especificamente da televisão e da inauguração de uma nova emissora, a televisão *Record*.

3. PRIMEIRAS ANÁLISES

O procedimento de análise do material selecionado busca centrar-se no movimento de descrição-interpretação, próprio da Análise de Discurso. As questões de análise manifestam-se em decorrência do corpus, considerando o objetivo da análise de compreender como o discurso da imprensa sobre a televisão no Brasil produz sentidos.

Uma primeira questão desta análise é a caracterização/definição de televisão, presente no corpus, uma vez que se trata de um acontecimento novo para o jornalismo e o público leitor. Para a análise dessas definições da televisão, realizou-se um novo recorte no material de análise, com a seleção dos enunciados definidores sobre a televisão e as qualificações atribuídas à mesma.

Por enunciados definidores compreendem-se, neste trabalho, os enunciados da forma “a televisão é x”, bem como suas possíveis variações. São consideradas qualificações de televisão os dizeres que substituem a palavra televisão nos textos selecionados, reescrevendo-a, ou que acompanham este item lexical e os seus substitutos.

Até o momento, a análise centra-se nas definições e nomeações de televisão presentes nos primeiros textos sobre a televisão que compõem o corpus, publicados pela revista *O Cruzeiro*, a partir de setembro de 1945. A análise centrou-se inicialmente neste

impresso por ser o que primeiro apresenta a televisão em suas páginas, conforme descrito na apresentação do corpus deste trabalho.

Ainda em sua fase inicial, a análise aponta para o emprego de qualificações positivas para a televisão, como essa coisa maravilhosa, maravilhosa invenção, notável invento. A adjetivação da TV promovida pela revista *O Cruzeiro*, principal veículo de comunicação do grupo Diários Associados, contribui para a formação de uma imagem positiva para a televisão, uma novidade, um invento que já era parte do dia-a-dia da população norte-americana e que por isso estava sendo trazido para o Brasil.

A constituição desta imagem da televisão como uma conquista da sociedade brasileira é reforçada pelas muitas definições de TV, apresentadas em colunas fixas da revista e também em reportagens, por meio de um discurso que se caracteriza pelo didatismo. Dentre as definições encontradas nesta parte do corpus, destacam-se:

- (1) “*Ontem a palavra televisão definia, sem dúvida, coisa abstrata e quase impossível. Nos dias presentes já assistimos a movimentação das nossas variadas emissoras no sentido de adquirir o novo invento*”. (16.10.1948)
- (2) “*Dada a complexidade das ondas luminosas em relação às sonoras, podemos dizer sem susto que a televisão é um ‘rádio complicado’ dele diferindo apenas em ‘quantidade’ porém nunca em ‘qualidade’*”. (16.10.1948)
- (3) “*Cada dia aumenta mais o número de fãs da televisão, que projeta nos lares os acontecimentos mais empolgantes {lutas, sinistros, etc}*”. (15.10.1949)
- (4) “*A televisão (...) É um novo meio de diversão, propaganda e cultura. É uma mania nova, destas que ficam, se incorporam à vida moderna e alteram o estilo de uma civilização*”. (15.10.1949)
- (5) “*... a televisão é até melhor que o próprio espetáculo natural, pois dá o close-up, que não se consegue desfrutar como espectador distante, no meio de uma multidão*”. (15.10.1949)
- (6) “*A televisão simplifica a vida*”. (12.11.1949)

No enunciado (1), coloca-se uma relação entre passado e presente da televisão, recorrente no corpus. A televisão, no passado (ontem), era *coisa abstrata e quase impossível* e hoje é uma realidade, pois as emissoras de rádio da época desejam *adquirir o novo invento*. A formação imaginária centra-se na televisão como já presente, ainda que não inaugurada no Brasil.

O enunciado (2) acrescenta uma nova definição, *um rádio complicado*, que evoca como memória o meio de comunicação conhecido dos jornalistas e da população. Para que a televisão adquira um sentido junto ao público, ela precisa acionar a imagem do já conhecido, o que contribui para a formação imaginária da TV como já presente, uma parte da realidade em oposição a um passado – ainda que efetivamente as primeiras transmissões aconteçam quase dois anos depois.

Nos enunciados seguintes, observa-se que as definições possuem um funcionamento semelhante ao da adjetivação da TV apontada acima, uma vez que contribuem para a mesma formação imaginária da televisão enquanto uma *maravilhosa invenção*. Pelo enunciado (3), a televisão é definida como *aquela que projeta nos lares os acontecimentos*; mas não quaisquer acontecimentos, somente *os mais empolgantes*, o que valoriza a televisão, uma vez que supostamente todos querem ter acesso ao que há de mais empolgante dentre os acontecimentos.

A televisão também é definida como *um novo meio de diversão, propaganda e cultura, uma mania nova*, que no futuro será responsável pela alteração do *estilo de uma sociedade*. Outra definição significativa é a de *simplicadora da vida*. Os enunciados (4) e (6) acrescentam à imagem da televisão relações com o cotidiano dos leitores, futuros telespectadores – para estar atualizado e ter a vida simplificada, é necessário ter televisão.

A mesma imagem de presença na sociedade e valorização da TV está presente no enunciado (5), que traz a definição da mesma por comparação com as práticas de assistir a eventos no local em que acontecem. Nesta perspectiva, a televisão é melhor que ver ao vivo, porque possui a técnica que possibilita visualizar detalhes dos acontecimentos que exhibe.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das definições e das qualificações apontadas, a revista *O Cruzeiro* participa da formação imaginária da televisão como imprescindível ao seu leitor, posto que se trata de uma maravilha, responsável por mudar o estilo de vida em sociedade. Embora ainda indisponível ao público, a TV já está presente no imaginário da sociedade brasileira. À imagem de um meio de diversão e cultura, acrescenta-se o caráter útil da televisão, como o permitir o uso da técnica para visualizar detalhes de um acontecimento e o proporcionar a simplificação da vida.

A observação dos enunciados definidores e da adjetivação presente nos textos que tratam da televisão aponta para o que parece ser um início de construção de sentido para a TV no Brasil, por meio da inserção do trajeto temático em questão nas publicações do grupo responsável pela vinda da televisão para o país cinco anos antes de sua inauguração. A análise do restante do corpus permitirá compreender se esses sentidos possíveis na revista *O Cruzeiro* encontram ressonância nos demais meios de comunicação impressos em circulação no país à mesma época.

O início do percurso de análise aponta para um segundo ponto de interesse para analisar o corpus que é o quem enuncia sobre a televisão nas publicações em questão. Embora os enunciados selecionados acima incorporem textos assinados por jornalistas da revista, o recorte dos enunciados definidores presentes na revista *O Cruzeiro* até meados de 1951 mostram que os mesmos também estão presentes em dizeres atribuídos a fontes entrevistadas para a redação dos materiais jornalísticos, que conferem uma imagem de “autoridade” ao dizer positivo sobre a televisão.

A análise dessas primeiras questões tende a encaminhar novos percursos no corpus, com a realização de outros recortes necessários, de forma a compreender o processo

discursivo que constitui sentidos para a televisão no Brasil, à época do início de suas transmissões no país, e participa da construção de uma memória histórica para a TV.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- COURTINE, J.J. (1984). "Définition d'Orientation Théoriques et Méthodologiques en Analyse de Discours", in: *Philosophiques*, vol. IX, nº. 2, Paris.
- IMBERT, G. (1992). *Los Escenarios de la Violência; Conducas Anónimas y Orden Social en la España Actual*. Barcelona: Icaria.
- MALDIDIER, D.; GUILHAUMOU, J. (1997). "Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história", in: ORLANDI, E.P. (org.). *Gestos de leitura*. 2ª edição. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E.P. (1996). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes.
- _____. (1998). "Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico", in: *RUA*, Campinas, pp. 9-19.
- _____. (2001). *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. 3ª edição. Campinas: Pontes.
- _____. (2001a). *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (1990). *O discurso. Estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes.
- _____. (1997). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª edição. Tradução de Eni P. Orlandi et alii. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (1997a). "Análise automática do discurso (AAD-69)", in: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 3ª edição. Tradução de Bethania S. Mariani et alii. Campinas: Editora da Unicamp.